

## O ANDARILHO DO SÃO FRANCISCO

**D**epois de participar do projeto *Palavras e Idéias*, evento patrocinado pela Secretaria Municipal

de Cultura, que teve como figura central a ilustre escritora Amelina Chaves, senti uma invulgar necessidade de reler o seu livro: o *Andarilho do São Francisco*. A sensação que temos é que uma segunda leitura do livro é muito mais cativante do que a do primeiro contato. Nela há outras expectativas, tanto excitantes quanto as primeiras e que nos leva degustar as suas páginas de uma só investida. Talvez seja por isso que o cantador de viola, Teo Azevedo, venha admitir que “*ela mistura isso aí com uma tal ficção e o trem fica bão demais*”. A verdade é que essa ficção não seria de estranhar numa escritora acostumada pelo sentimento da saudade de uma infância perdida no tempo. Por isso a sua irresistível vocação de escritora realiza-se no melhor momento de sua vida.

Amelina Chaves é uma romancista que não pode ser classificada com rótulos de qualquer uma das escolas literárias modernas. Como tan-

tos os grandes escritores de nossa contemporaneidade, na sua obra não há imitações de estilos e nem de modismos, ela é solta e independente. É independente porque é única. É solta porque somente o coração de mãe assim o faz. O estilo é rebuscado, porém a expressão poética é realmente notável. Vejamos esta interessante expressão: “*A lamparina de luz mortíca desenhava figuras estranhas na parede*”. Quantas vezes, solitário num quarto de dormir, a gente visualizava essas figuras aos quatro cantos da parede! Quantas vezes!

**É** precisamente essa capacidade de ser ela mesma que a sua obra o *Andarilho do São Francisco* varou todas as barreiras de preconceitos, motivou procedimentos diversos na maneira de ser e produziu momentos eróticos. A obra de Amelina Chaves é uma beleza idealizada em si mesmo. Evidentemente com um único objetivo: o de denunciar as desigualdades sociais e morais sobre os viventes da beirada do majestoso Rio São Francisco. Afinal, necessário se faz um grito de alerta.

Uma das abordagens mais impressionantes e enriquecedoras do seu livro é quando a escritora recupera a presença negra como tema central de suas histórias, não obstante torná-lo um andarilho maltrapilho e viciado em sexo. Por outro lado o melodrama enfeitado que envolve o casebre durante uma noite de velório, transporta o leitor para um mundo distante de sua realidade. Somente quem viveu situações análogas como esta é que pode descrever, com tanta firmeza e riqueza de detalhes, o desespero de uma família pobre encravada neste sertão de meu Deus. Nesse mesmo segmento disse o *Turista* com espanto:

Essa escritora deve ser muito pobre para conhecer tanta miséria. Como pode uma mulher descrever tão bem essa realidade? Puxando pela memória que guardava tudo, tentou lembrar seu nome: Amelina Chaves.

O mais instigante, entretanto, fica por conta da união de raças e das classes sociais. O amor de Clarice (*clara; branca e rica*) e Bento (*benedictus; São Benedito; negro e pobre*) forma as diferentes raças entre as suas famílias. Com a sabedoria que lhe é peculiar, Amelina Chaves narra numa história humana, atenta às complexidades coletivas e individuais do ambiente em que vive o homem sertanejo. Tudo que ela escreve, escreve sempre com paixão. Os detalhes são apenas migalhas de

vida. De sua vida comum. Quando ela fala que “o sol entrava por uma falha da janela de caixote”, é porque já viu de perto uma *janela de caixote*. Coisas tão comuns nos casebres amontoados ao longo das margens do Rio São Francisco.

Trata-se, na verdade, de uma história romanesca onde o Rio São Francisco é parte integrante dos fatos. O *Rio* abraça o personagem e fala com ele de seus sentimentos. Por sua vez, o personagem dialoga com o *Rio* em seus momentos de angústias e sofrimento, suplicando-lhe proteção. Esse diálogo lembra-nos o livro *Rosinha, minha canoa*, do escritor José Mauro de Vasconcelos, onde a natureza tem voz e vez; onde a natureza é amada e respeitada e onde a natureza é vida!

Em resumo: o *Andarilho do São Francisco* é um romance que, ao longo dos tempos, veio sofrendo pressões das classes sociais e preconceitos nos meios acadêmicos. Além desses temas também é explorado o *misticismo-religioso*. Mas com perspicácia e muito libido, sua autora conseguiu viver plenamente as tormentas das letras, não recusando nem mesmo ao chamado vício do sexo, fato determinante do seu outro livro, intitulado: *O Câncer da Vingança*. Finalmente, as portas fechadas para o amor se abrem para o leitor pelas mãos hábeis de Amelina Chaves. Benza Deus!



